

Material completo de Poemas, crônicas e memórias

POEMAS

E.B.M João Alfredo Rohr – Professora Josefina da Silva Pisani

Luís Eduardo Bernardes

A Ilha da Magia

Floripa tem pescada, tem tainha
Mas também pão com sardinha
Aqui se come arroz com feijão,
E manezinho não dispensa berbigão!

Floripa tem praias de montão,
Joaquina, Lagoa da Conceição...
Aqui tem catador de marisco,
E até vendedor de chouriço!

Tem muitos pescadores,
Tem até Maria das Dores,
São mulheres que reclamam de tudo,
Mas não é o fim do mundo!

E tem um belo cartão-postal,
Que liga o continente à capital.
É a Ponte Hercílio Luz.
Nos fins de tarde ela reluz!

Essa é minha cidade,
Com baixa criminalidade,
Moro em Floripa desde que nasci,
E sou torcedor do Avaí!

Aqui é terra de cultura,
Como o poeta já cantou.
Aqui tem "velha rendeira"
E também "moça faceira".

Sem diamante, mas com amor constante

Há quase dez anos, morando aqui,
deste meu bairro, muito conheci.
Soube que num passado, não muito distante...
aqui neste bairro, só não tinha diamante!

Quanta beleza!
Quanto encanto!
Aqui na Ilha...
era e ainda é um recanto!

Aconchego dos habitantes,
que ao longo destes anos,
por moradores viajantes
e por pescadores foi um lar triunfante!

Ponta das Canas.
o que fazer?
Para agradecer você
por tudo que eu posso, hoje, ser!

Seja destino, ou não,
Ilha da Magia. "Ponta da Canas",
estarás sempre no meu coração!

MEMÓRIAS

E.B.M Paulo Fontes – Professora Vera Sucupira Ferreira

Jhonathan Ditemar dos Santos

Como era Antigamente

Antigamente em Santo Antônio de Lisboa o namoro acontecia só em festa e tínhamos que pedir aos pais para chegar um perto do outro.

Para frequentar a escola, íamos a pé, com tamancos de madeira, porque não havia ônibus naquela época. Comprávamos rapadura, cocadas e biscoito para o lanche. Aos domingos fazíamos piquenique na praia.

Os meninos tinham que brincar longe das meninas porque os pais não deixavam brincar juntos. Nós gostaríamos de brincar de esconde-esconde.

Quando íamos dormir e quando levantávamos era costume dar benção aos pais. Assim era, também, quando íamos para escola ou sair a passeio. À noite, ao jantar, nós nos benzíamos e não podíamos sentar à mesa com chapéu ou sem camisa. Esse era um costume dos portugueses que vieram pra cá há muito tempo atrás.

Os homens vestiam camisa listrada com calça listrada e as mulheres usavam vestidos abaixo do joelho. Cultivávamos a terra plantando mandioca, batata-doce, feijão, abóbora, cenoura e etc...

Os utensílios domésticos e móveis eram feitos por artesão, os barcos construídos a enxó e machado.

Era um povoado de pescadores que em algumas épocas, viajavam para o Rio Grande do Sul para pescar de rede, pois aqui só se pescava de anzol. O peixe era vendido de casa em casa com busina na boca anunciando o peixe fresco a vender.

O leiteiro trazia o galão de leite em casa a 200 mil réis. O padeiro vinha de galiota e cavalo, o pão de casa em casa a um tostão. Já havia costureiros nessa época trabalhando em casa. A participação na vida social era na festa junina, terno de reis e boi de mamão. Nos nos divertíamos muito principalmente na festa do Espírito Santo.

As ruas eram de barro e as casas de madeira e estuque de barro feito de bambu amarrado no cipó.

Em 1950, com grande enchente que ocorreu em Florianópolis recebemos o Presidente Getúlio Vargas.

A partir de 1963, começou a vir gente de fora, a cidade começou a crescer e a comunidade também. Então surgiram restaurantes bares, ônibus, calçamento, luz e prédios. Hoje temos asfalto, escolas, praças, terminais de ônibus e faculdade de ensino superior.

Uma história de carnaval

O ano era 1990, quando cheguei com minha família em Florianópolis, fui morar no bairro da Armação, um bairrozinho nobre no sul da Ilha de Santa Catarina.

Como essa Ilha é conhecida como Ilha da Magia, consegui curtir, com toda essa magia, o meu primeiro carnaval, e eu tinha apenas 12 aninhos. A festa era uma alegria só, e eu estava maravilhado com tudo, os enfeites, as fantasias - usavam-se muito naquela época. E a alegria do povo era encantadora e apaixonante. Eu vestia uma fantasia simples, feita pelas mãos de minha mãe, me lembro como se fosse ontem.

Cheguei cedinho com minhas tias, mas já havia muitas pessoas, muita música e alegria. Todos alegres, até que...Começa um bate-boca no Bell"s Company", um barzinho localizado no centrinho da Armação. Eram dois homens grandes e fortes. Eles começaram a brigar, foi uma correria...

De repente chega a polícia separando os brigões, mas a muvuca estava armada, era gente correndo para todos os lados, e eu fiquei apavorada.

Acabei me perdendo das minhas tias, não sabia onde deveria ir, corri, corri muito em direção a praia, quando de repente olhei para trás e percebi que a confusão estava acabando. Aguardei um tempo e quando tudo já tinha acabado resolvi voltar. Voltei para lá e procurei por bastante tempo as minhas tias, até que as encontrei, assustadas com tudo o que tínhamos presenciado. Resolvemos voltar para casa.

Hoje a Armação ainda realiza bailes de carnaval na rua, as brigas são muito constantes, coisa que naquela época era raro, agora virou rotina. Não mais me assusto com as brigas, apenas procuro não ficar perto quando elas estão acontecendo. Como tudo na vida, a gente acaba se adaptando com as mudanças.

Carnaval? Ainda continuo frequentando, pois a alegria faz parte da minha vida!

CRÔNICA

EBM João Alfredo Rohr - Professora Josefina da Silva Pisani

Bárbara Conti Viggânigo

O Andarilho

Ele anda pelas ruas do meu bairro, Córrego Grande, como qualquer andarilho andaria pelas ruas de Florianópolis.

Suas roupas são velhas, desgastadas, rasgadas e sujas. Ora aparece com sapatos novos e no dia seguinte sem eles. Certamente vende-os ou trocou-os pela bebida que alimenta seus dias.

Sempre está com alguma coisa nas mãos: cigarros, garrafas de cachaça, caixas de papelão, pão velho ou até bolsas com roupas ganhadas ou deixadas nos muros e portões das casas para os que desejam levar. Ele vive da caridade de quem dá o que sobra, mas não recebe o que necessita.

Muito embora tenha a aparência jovem, seus cabelos são grisalhos. Às vezes surge com a barba comprida para na semana seguinte aparecer com ela curta novamente.

As pessoas que o conhecem, cumprimentam: as que não conhecem, nem o olham muito, igual se faz com os andarilhos, ou cães abandonados. Mesmo as que o cumprimentam, não se aproximam muito. Talvez pelo cheiro. Talvez pelo medo.

Talvez pelas duas coisas. Já ouvi dizer que é agressivo. Se tem família, não sei dizer, pois sempre o vejo sozinho e isso me dá uma grande angústia. Deve ser horrível a solidão.

Viver nas ruas foi uma escolha dele? Talvez.
Parece que nas ruas ele encontra a liberdade que não tem em casa. Mas é uma liberdade que o priva de cuidados, de carinho e de afeto.

Situação intrigante

Era uma quarta-feira, próximo das 16 horas, dentro do Terminal Rodoviário de Florianópolis. Uma família aparentemente humilde chega de viagem e se aproxima dos guias mirins, que têm por função ajudar as pessoas com as bagagens e dar informações. Naquele momento estavam apenas dois guias no desembarque, sendo que eu era um deles.

Meu colega recusou-se a ajudar aquela família, dizendo que já estava ocupado. Observando aquela cena, pensando que o rapaz estaria se recusando a ajudar a família somente por causa da sua origem pobre, passou um filme na minha cabeça. Se fosse eu, será que iria pensar que aquele jovem não ofereceu seu trabalho para mim só porque sou pobre? Pensando nisso, prontamente ofereci meu trabalho para o senhor. Ele olhou para mim assustado e aceitou. Levei ele para o lugar desejado, ele me agradeceu e foi embora.

Depois de meia hora, o coordenador dos guias mirins chamou todos que trabalharam no desembarque naquele dia e perguntou quem foi o jovem que ajudou aquela família humilde. Eu simplesmente levantei e disse: fui eu. Ele perguntou mais uma vez: e quem recusou a levar a mala daquela família? A sala ficou silenciosa, ninguém respondeu, e o coordenador chamou o motorista do ônibus que levou a família. Ele presenciou a cena, pois estava atrás do ônibus arrumando o guarda-malas.

Meu colega foi apontado pelo motorista. Ele tentou se explicar, mas o coordenador foi rápido e falou: vocês estão aqui para ajudar qualquer um que pedir ajuda e não importa se for rico ou pobre, feio ou bonito, vocês tem que oferecer ajuda. E assim, meu colega tomou uma advertência e nunca mais discriminou alguém pela sua aparência ou classe social.

Essa lição vou levar para a vida toda.